

O BARRO, A LUZ, E O TEMPO
(o tempo na voz poética de Ermelinda Xavier)*

*Não ando perdida, mas desenhada.
Levo o meu rumo na minha mão.*

Cecília Meireles

1. Conforme informação em nota do editor, a poesia completa de Ermelinda Xavier (E.X.) só agora vinda a público, segue os dois livros dactilografados em que a autora conservou os poemas. Não havendo publicações ao longo do tempo, como geralmente acontece, o editor reuniu as duas colectâneas dactilografadas sob o título que as une, “Barro e Luz”.

O primeiro livro é constituído por 175 poemas, todos eles datados, excepto 11, e o e o segundo livro apresenta 33 poemas, repetindo dois do primeiro livro (confronte-se as págs. 163 e 253; 183 e 254). Neste segundo livro, contrariamente ao primeiro, desaparecem as datas, à excepção dos últimos quatro poemas, de 1982 e, o último, de 2008 – vinte e seis anos (?) depois do penúltimo. Também confrontando as datas, se verá que a produção poética em “Barro e Luz” decorre entre final de 49 e 64, interrompida entre 65 e 81, e entre 83 e 2007. Verificar-se-á ainda ser mais intensa entre 50-52, 55 e 57, reduzida a dois ou três poemas em 54, 58, 61, 64 e 82, um único poema em 2008.

2. Não será preciso mais que sobrevoar as páginas para o leitor se aperceber do tom íntimo, tenso, directo, aparentemente confessional, que domina esta poesia. E depressa se aperceberá que os poemas se não sucedem conforme as datas, tendo sido como que dispersos, não se sabe por que critério, ou cuidado. E quem tenha o trabalho de os ordenar no tempo mais se aviva a sensação de uma escrita diarista, não se empenhasse a escrita numa expressão marcadamente poética, que de algum modo distancia no tempo, e no propósito, o solilóquio e o motivo.

3. A voz que fala nestes poemas, onde o cuidado nas datas e o tom íntimo fazem lembrar um diário, pode bem confundir, no leitor, o autor e o poeta. O poeta está sempre a uma qualquer distância do motivo, que vem do autor, da sua experiência do mundo. «Que dados tenho eu para assegurar que Florbela viveu o que escreveu» – pergunta Régio¹ no seu estudo sobre Florbela Espanca, acrescentando mais adiante: «a estranheza do fenómeno está em que, precisamente, as vivências de um artista são induzidas da convincente expressão literária que lhes dá». Curiosamente, tanto em Florbela como na autora de “Barro e luz” (o mesmo com Irene Lisboa) facilmente pode incorrer-se no equívoco de uma leitura biográfica. Bastará um pouco de atenção quanto às escritas do poema e do diário para notar a distância entre o motivo e a voz que surge na *poiesis*, resultado desse trabalho onde cooperam real e imaginário. O poema, tenha embora um motivo na experiência de vida do autor, nada reproduz, antes converte numa outra experiência que dá a ver, ouvir, quanto pondera, ficciona, projecta.

4. Diz Manuel Ferreira em *Caliban*² que é em órgãos liceais, *O Estudante* (1933-58) e *Padrão* (1950-52), quer em *Cultura* (I) que algumas experiências poéticas pré-anunciam uma poesia de raiz angolana. E acrescenta: «ao impulso do *Movimento dos Jovens Intelectuais de Angola* (1948), na decorrência do lema: “Vamos descobrir Angola!”, é que a moderna poesia angolana (...) ganha a sua primeira expressão colectiva. Num pequeno caderno copiografado, *Antologia dos Novos Poetas de Angola* (1950), do *Departamento Cultural da Associação dos Naturais de Angola*, mais tarde encerrada pelas instituições políticas». E acrescenta que este movimento iria definir-se, com nitidez, a partir da revista *Mensagem* (1951)» e que engrossaria e se revitalizaria na segunda fase de uma outra revista *Cultura* (II), entre 1957 e 61.

O mesmo autor, apresentando, em *Caliban*, Ermelinda Xavier, dando dela seis poemas, se vê que a poeta colaborou em *Mensagem*, em 51, na *Antologia dos Novos Poetas de Angola*, em 50, e mais tarde, em 58, em *Cultura* (II). Se estes dois poemas revelam já um ausência de sete anos em África, não se alheou dessas publicações angolanas. É no mínimo, sem mais informação, o que deixa supor, quem leia *Caliban*.

Da autora de “Barro e Luz” nada mais sei além do que possa escutar em seus poemas, dispondo deles recentemente, tendo-mos dado a ler Rui Vaz Pinto que os conseguiu obter, e acaba de editar. É raro, quanto eu saiba, que um jovem poeta consiga já tão cedo sua voz própria, segura e determinada, que não mais deixará. E assim tanto mais se confrontada com essas outras vozes que aparecem onde publicou, nomes, entre outros, como os de Antero Abreu, Maurício Gomes, Lília da Fonseca, Alda Lara, Viriato da Cruz, Agostinho Neto, António Jacinto...

5. Por cá encontrará a poeta ainda muito vivas as vozes de Cesário, de Camilo Pessanha, de Nobre, de Pessoa ele próprio e de seus heterónimos, de Sá-Carneiro, dos poetas da “Presença” e do “Novo Cancioneiro”, as dos “Cadernos de Poesia” e da “Távola Redonda”, as revistas “Árvore” e “Serpente”, saindo precisamente em 51, ano em que E. X. chega a Coimbra. E não se esqueça as mulheres poetas, Florbela e Irene Lisboa. Se as leu, por certo leu, não se alterou em nada sua voz, seu estilo, arraigada ao seu modo de dizer o poema, obstinado e firme em qualquer delas. De Sophia e Andrade já se podia ler “Coral” e “As Mãos e os Frutos”.

6. O motivo do amor domina toda a obra poética de E.X. Uma segunda pessoa, explícita, ou implícita, está presente, ausente, na maior parte dos poemas, fonte de uma tensão constante.

Os poemas, datados, parecem querer ancorar no tempo de um passado perdido, esse “uma vez, uma só vez e não mais” de uma elegia de Rilke, ou o verso de Reis, Ricardo Reis³, «Tão cedo passa tudo quanto passa!»

Atirados ao vento, estes poemas datados, caem como folhas de um verão outonal, na poeira das páginas onde as siga o leitor, a primeira delas caindo na p.158 do livro, um poema determinante, denominado “Pausa”, datado de 9 de Dezembro de 49.

Não, meu amor, não digas nada agora./ Guarda as palavras para amanhã./ Amanhã dir-me-ás tudo o que quiseres/ mas agora cala-te./ Deixa-me gozar este divino momento/ do sol-pôr.

O poema revê um encontro amoroso acaso inicial, pelo tom jubiloso (*Deixa-me gozar este divino momento*), assombrado embora por essa objecção (*não digas nada agora*), que parece privar do prazer na voz o amado.

(...) Se falasses serias como o vento/ a estragar a beleza de uma paisagem (...)// Gosta de mim em silêncio./ Não estragues a minha contemplação.

Não chega a passar um mês, o poema “Asas partidas” (p.70) dá conta de um desastre.

Sou uma andorinha ferida./ Uma andorinha a que um rapaz mau quebrou as asas.// Já não é meu o céu infinito/ nem o baloiçar nos ramos mais altos;/ ando no chão, no chão como as pedras!/ Ah! Deixa-me ficar no côncavo morno da tua mão.

Um mês depois, no poema “Desejo” (p.21), essa absurdez, lembrando Cesário⁴, em nada à de Cesário se compara senão na desrazão do sentido.

Sinto um desejo absurdo de sofrer./ Absurdo, mas intenso, vivo./ Tanto que o desejar já é sofrimento;/ porém tão incompleto que não me satisfaz.

Desejo paradoxal, só possível na paixão que aí fala.

Dói-me o nada doer-me./ Este vazio de satisfação a encher-me!// (...) Porque quero eu identificar-me/ com a mágoa que sonho?

Passa outro mês, e no poema “Pingos de chuva” (p.145) se declara serenamente “*Minha alma está cheia de ti*”, uma serenidade à flor da pele na carne viva da alma.

Minha alma está cheia de ti/ como a terra está cheia da noite quando o dia morre./ Em mim, tu és tudo./ E este abraço dá-me prazer e dor. // (...) Em mim, há mais Tu que Eu!

A 5 de Novembro, o poema “Apontamento” (p.199) pesa quanto o silêncio é o da ausência na persistência de seu espectro.

O teu silêncio é qualquer coisa que toco com os dedos/ com os dedos longos e febris do meu pensamento./ E neste tactear doloroso e aflitivo/ descubro formas que não supunha existirem.

Repentinamente, em Janeiro de 52, o poema “Renascer” (p.227) surge como uma nova aurora.

O amor veio com a sua mão/ retirou de meu peito a fria/ presença de pessimismo que havia./ Em seu lugar pôs um clarão.// Agora desço ao mais fundo das coisas, sem hesitações./ Às velhas interrogações/ surge um sentido do mundo.

Um sentido do mundo. Mas cinco dias depois, um poema sem título (p.206) deixa supor novo desastre, as renascentes asas mais uma vez destroçadas.

Rasguei – ai rasguei! –/ os poemas de amor que me escreveste./ Pedia-se coragem (e eu tive-a)/ de perder uma coisa que me deste.

Este poema é no auge da dor a prova assumida de uma entrega consciente.

Rasguei os teus poemas de amor!/ rasguei-os como quem rasgasse a alma./ Mas, forçadamente, heroicamente, calma./ Anestesiada só pela minha dor.

Anestesiada pela dor. E como exorcizando esse seu heroísmo:

Fiquei sem eles como braço gangrenado/ que fosse necessário amputar.

Enterrá-lo em lágrimas, esse braço.

Mas agora que já não é precisa a coragem/ oh, deixa-me chorar!

Um mês e poucos dias depois, o poema “Sombra” (p.23), pondera friamente

Entre mim e ti,/ abatidos,/ os arcos de triunfo nunca erguidos// (...) as ruínas do que está para vir.

E mais adiante, em Março, essa derruição reconhecida, irreversível, no poema “Sina” (p.60)

Oh este meu martírio/ que ninguém, ninguém pode perceber:/ de possuir com verdade e delírio/ e nunca, nunca ter!// Baixar as mãos, queimadas, reais, do azul do céu./ E o astro possuído/ nunca o dizer meu.

É no poema seguinte, contudo, “Adenda” (p.50) que num forte sentimento de inabilidade parece conformar-se definitivamente.

O perfume das rosas perdeu-se/ quando toda a harmonia foi quebrada.

e na perda total de horizonte, o desejo só pode chamar a morte.

Ó terra: deixa-me ser uma coisa partida/ em teu ventre, e esquecida.

Porém, dez meses depois, em Outubro de 52, no poema “Determinação” (p.72), despojada a paixão do desejo, dispõe-se ainda a esperar o que lucidamente sabe que não vem, vagueando num porto, por um navio algures imóvel.

Esperarei/ – porto aguardando a volta do navio – / até que a vela na minha mão se funda e queime até ao nada/ o mísero pavio.// (...)Dos nervos farei um arco/ e tocarei/ músicas de esperança em meu desejo.

Não terminam aqui os poemas de amor, cada vez menos frequentes, como que se arrastando ao peso de um morto sonho, alto, de um caminho sem mais, e já pela descida com esse arco exasperado em cordas lembrando um requiem. Este rosário de poemas faz ouvir um romance de amor e morte. Onde o que mais comove é o escalpelo da luz na terrura do barro. Sem as pálidas flores de um romantismo gasto. É demais carne viva esta voz nos poemas (só desta voz eu falo) para nela se ouvir outra coisa que não seja desejo e dor.

7. Muito cedo se cruzam dois caminhos, confrontando os poemas de 50, por um dos quais parece compelido o sujeito poético a seguir um deles. Não será por que esqueça o outro deixado na encruzilhada. No poema “Cartaz branco” (de 31-7-51, p.143) a voz soa desterrada: «*Minha terra não vem/ no guia dos turistas*», e no dia seguinte, em “Janela pobre”, mais perceptivelmente, «*Lá eu tinha uma janela pobre*» (p.35). Retomarei adiante esta leitura do desterro, revendo-a como tema que me parece relevante. Volto ao motivo da encruzilhada que me parece relevante quanto ao rumo em que seguem os poemas. E ainda na linha do poema anterior, cerca de quatro meses depois, se pode ouvir em “Breve poema de amor à minha terra” (p.73):

Deixa-me dizer-te meu canto, tu, ó filha da floresta./ Estou a teus pés: sou a vida e o mundo./ Venho do mais fundo da noite. Trouxe-me o vento.

Um ser desenraizado que dolorosamente lança mão da memória:

Procurei por momentos nos mais altos cumes nevados./ Sonhei poemas sobre os lagos ao entardecer. / Ergui minha voz moça nas silenciosas estepes. / Mas estou a teus pés – trouxe-me o vento.

E numa outra senda, também perdida, esse poema “Nossa fome”, em 5-8-51 (p.87) que parece vir no seguimento daquele empenho decidido, solidário, do poema “Mensagem” («*Avante, irmãos, dêmos as mãos./ (...)*») – esse poema focando a fome

Tua fome, irmã,/ sinceramente confessada,/ sinceramente dita sem orgulho de pobre,/ cheira a campo lavrado e a sol/ e a seiva forte / irrompendo numa afirmação de vida.// Tua fome/– a fome da minha boca,/ a fome das outras bocas jovens –/ é a fome que exige pão/ porque sabe que ele existe/ e a ele tem direito.

Datado de Maio de 50, “Mensagem” (p81) é escrito cerca de um mês depois desse outro tão impressionante quanto estranho, “Asas partidas”, («*Sou uma andorinha ferida. / (...)*»). É aqui que parece haver a dita encruzilhada – a menos que o poema possa ser ouvido como voz de uma jovem mulher africana, quebrada na servidão, num total abandono. Parece mais que a natureza do poeta determina outra leitura.

A encruzilhada parece estar para trás, definido o caminho. Cedo se esbate, e desaparece, o tema que faz lembrar esse tão combativo, da “negritude”. Não será por esquecimento que numa “Antologia Temática de Poesia Africana”, organizada por Mário de Andrade³, publicada em Lisboa em 76, não apareça a poeta. Os caminhos distanciaram-se.

À procura do sentido que possa fazer essa voz dos poemas em “Barro e luz”, são fundamentais desde logo os primeiros poemas, ordenados pelas datas. O primeiro é assim o da pág.158, datado de finais de 49 (em 9 de Dezembro). “Pausa” é seu título. «*Não, meu amor, não digas nada agora./ Guarda as palavras para amanhã./ Amanhã dir-me-ás tudo o que quiseres/ mas agora cala-te./ Deixa-me gozar este divino momento/ do sol-pôr. (...)/ Se falasses serias como o vento/ a estragar a beleza de uma paisagem (...)/ Gosta de mim em silêncio. / Não estragues a minha contemplação.*

O motivo do poema é um encontro amoroso em que se faz notar ao amado que as suas palavras estão a mais. O amado deverá calar-se para que a amada possa gozar o amor como ela dele gosta. Ouvirá o amante amanhã.

O segundo poema, “Mão mutilada” (p. 225), escrito oito dias depois, é uma ocorrência velada quanto ao propósito. O sujeito poético encontra uma mão mutilada num terreno que diz sujo e dessa mão diz que escreve um poema, e dos versos desse poema diz que são gritos de desespero, raiva e ódio. Sublinho para distanciar a leitura do efeito poético face ao enunciado. E mais adiante se lê: «*É por isso que os teus dedos estão assim em garra/ retesados sobre a interrogação,/ a procurar um mistério que foge sem o agarrares/ a procurar sem nada achares*». E a terminar, uma interrogação: *Porquê ódio, ambição, homens matando seres iguais a si?* Finalizando: «*Ó mão triste de dedos sofrendores,/ as perguntas do teu poema/ são unhas rasgando o meu espírito*». O poeta se debruça sobre um mundo cruel, desumano, absurdo. Não deixando o poema de colocar à leitura uma alusão fechada, um alarme, essa mão degolada. Pode parecer que essa destruição seja um signo poético carregado de maus presságios, ainda assim signo também de uma fraternidade. E passam tão só dezassete dias, já em 50, o poema terceiro é o das “Asas partidas” (p.70)

(...) Já não é meu o céu infinito/ nem o baloiçar nos ramos mais altos;/ ando no chão, no chão como as pedras!/ Ah! Deixa-me ficar no côncavo morno da tua mão.

A voz poética regressa ao primeiro tema (o do amor) e o que no primeiro poema era encontro amoroso é agora desencontro. À voz que se pedia um silêncio (para gozar nesse céu infinito o baloiçar das asas) pede-se agora (rojando pelo chão, como as pedras) o acolhimento de mão piedosa. Estas asas quebradas não deixam de lembrar a mão decepada.

O poema seguinte, “Desejo” (p.21), um mês depois, parece retirar de Cesário esse “desejo absurdo de sofrer”, aqui redobrado. «*Sinto um desejo absurdo de sofrer./ Absurdo, mas intenso, vivo./ Tanto que o desejar já é sofrimento;/ porém tão incompleto que não me satisfaz*». Quem leia o livro terá a ideia de estar traçado já neste poema, de um sofrimento que se diz desejado, um destino funesto nestes poemas de barro e luz, tal se avoluma no livro este tom, este fogo.

8. O motivo do desterro, já referido, aparece no poema “Cartaz branco” (p.143), no final de Janeiro de 51 («*Minha terra não vem/ no guia dos turistas/ (...)// Toda a beleza que encerra/ sem gritos de propaganda/ fica dentro de fronteiras/ – riqueza de quem lá anda*»). Mesmo no simbolismo que possa ter essa terra há sempre uma terra longe. E no dia seguinte é retomado o motivo no poema “Janela pobre” (p.35)

Lá eu tinha uma janela pobre./ Vinte quadradinhos de vidro/ num esqueleto de madeira sem pintura/ e dois trapos enforcados num cordel.// Aquela janela onde eu preguiçava como um lagarto/ (...) Aquela janela (...)/ onde chorei e sofri;/ companheira de meus sonhos de loucura/ espectadora de impensados triunfos (...)

atingindo, o motivo, sua máxima significância no poema “Apontamento” (p.66), escrito em Abril de 53.

A mata do Botânico, sim,/ com uma estradinha ao meio/ muito bem traçada/ e impecável de asseio;/ ao lado o jardim/ e os lagos e os pares de namorados/ e o ruído das buzinas./ Para lá, horizontes marcados/ de casas cidadinas.// A mata! Floresta civilizada.// Penso, sem querer/ numa fera enjaulada.

O poema se desenvolve em três movimentos, descritivo o primeiro, onde uma observação minuciosa se faz do jardim e seu enquadramento (em fundo, longe, a terra angolana), e os dois últimos, críticos, reflexivos, onde a cidade hostil, falaciosa, tudo artificializa e perverte. A mata, floresta civilizada, seguida dessa imagem desoladora que é a de um vivo animal selvagem numa jaula asseada de um jardim zoológico.

9. Uma lúcida voz conhece o barro e o assume. Cada poema de amor, quase todos, ao mesmo tempo celebra, regista, questiona – voz lacerante que, diria, se compraz na dor onde, tão constante, a paixão suaviza o desejo. Como deixa ouvir o poema “Apontamento” (p.199).

(...)/ entre nós, só nós próprios cabemos.// A nossa sombra projecta-se no chão (...)/ Com o tempo a sombra abrirá um vácuo/ que espaço algum logrará encher.// Vácuo que ficará eternamente vazio como a inteligência dos mortos./ Vazio como as horas longas de tédio./ Vazio como as impossibilidades que sonho e não nascem.

Amor e morte num desejo que sonha e o sabe inútil. Ou nesse outro poema, “Poema quase carta” (p.141)

Amor, vem desmanchar o meu cabelo negro/ com teus dedos gentis, Hã-de aparecer/ e brilhar nele as estrelas que ontem/ nós vimos ao entardecer.

Parece ver-se aqui aquele mesmo sol-poente nessa alvorada, a do primeiro poema («*Deixa-me gozar este divino momento/ do sol-pôr.*»), onde o amante pede silêncio ao amado, agora na mágoa do desejo dando-se conta da fantasia, ou esse outro, sem título, em Março de 60 (p.30)

Morto, não te lembro morto,/ que ao vivo memorar não basta/ o perdido corpo./ (...)/ não a meu lado como sombra vens, mas real e todo/ – liberto e exactíssimo/ por dimensões ausentes/ da humana falsidade.

Paixão e morte exacerbadas na loucura maior, lúcida, duma razão candente; luz nascendo do barro para se ver, saber, «*até que a vela em minha mão se funda* – como se lê no poema “Determinação” (p.72) – *e queime até ao nada/ o mísero pavio*».

10. Na diferença, profunda, com a voz desmedida de Florbela, voz poética, haverá por vezes funduras abissais (porque talvez mais do barro que da luz) como, por exemplo, no poema “Insónia” (p.46), onde se lê:

*Quero pensar coisas da vida e não posso./ Nem guerra, nem sonhos de poesia, nem
paixão/ por alguém que existe e não encontrei.*

Alguém que existe e não se encontra, nessa paixão sem ninguém, de Florbela, ideal em Florbela, real na autora de “Barro e luz”. O que no desmedido se assemelha é esse querer impossível sem desistir-se dele. É sem dúvida uma marca em mulheres grandiosas, desprovidas da norma que lhes é exigida, por um barro que nelas é tirado desse outro barro, bíblico, para consolação do primeiro homem e seus descendentes. Com Irene Lisboa⁶, a semelhança é uma consciência disso, mais contida, não explosiva, ponderada, contida na expressão, velada no simbólico por imaginário sombreando o real. Em qualquer dos casos uma rebelião, uma recusa assumida na palavra indomável onde encontra o poema.

Terá a poeta lido João Falco, nome sob o qual Irene procurou resguardar-se, em vão, de uma casta opressora, sufocante, cruel? Nestes versos de Ermelinda parece ouvir-se Irene (p.100)

*Levantei-me porque a cama me pesava/ como se ela se deitasse em mim e não eu nela./
E vim procurar o inverso do meu pesar/ na minha verticalidade à janela.*

ou quase despercebidamente naquele poema “O homem passou (...)” (p.64):

*O homem passou ao fundo do muro.// Fiquei invejando seu andar pausado,/ seu ar
sossegado,/ seu todo seguro.*

E já a impressão que deixa o reparo no homem, seu passar, seu sossego – lembrando Irene – se rompe aqui pela rima nos versos, impedindo à leitura a infundada analogia. Já de Florbela não há verso nenhum em Ermelinda que nos pareça êxtase, menos ainda sensualidade.

11. Barro e luz. No princípio era a treva, diz o Gênesis. E Deus fez a luz. E a luz era boa. E do barro fez Deus o homem, e do barro do homem fez a mulher... Na ciência, toda a matéria se terá concentrado de tal modo que explodindo orvalhou todo o espaço lavrando fogos, e logo barro, barro que ardendo ilumina barro, barro que o tempo apaga, reacende.

Iluminando-se o barro em seu próprio fogo.

Até que surgem na Terra coágulos de vida, que geram seres cada vez mais complexos, capazes de propor uma tal teoria, capazes de gozar e sofrer uma vida fazendo disso um poema. A poesia – que ninguém sabe o que seja fazendo embora poemas (dizia Lorca) – já os gregos antigos tiravam-na de um trabalho que diziam *poiëwo*. Quer dizer que a *poiësis* é mais coisa de humanos que dádiva de deuses ou das musas. A poesia será assim como que um *big bang* de palavras incendiando-se.

Julgo estará claro referir-me ao título, o deste livro.

Notas – * Ermelinda Xavier, *Barro e Luz (Poesia Completa)*, Unicepe, Porto, 2016. –1. *O estudo de Régio abre a edição dos “Sonetos”, Difel, São Paulo, 1984.* – 2. “No Reino de Caliban – Antologia panorâmica da poesia africana de expressão portuguesa”, organização, selecção, prefácio e notas de Manuel Ferreira, Seara Nova, Lisboa, 1976, vol. 2. – 3. *As palavras de Rilke aparecem na nona das Elegias de Duíno, ed. da “Oiro do Dia, tradução de Paulo Quintela, Porto, 1983, pertencendo o verso de Ricardo Reis à ode que por ele mesmo começa.* – 4. *Quarto verso do primeiro dos poemas de “O sentimento de um ocidental”.* – 5. Mário de Andrade, “Antologia Temática de Poesia Africana, Sá da Costa, 2 vols., Lisboa, 1976. – 6. *Introdução de José Gomes Ferreira ao primeiro vol. das “Obras de Irene Lisboa”, Presença, Lisboa, 1991.*